



João Paulo Tiago

## **O gênero "crítica de cinema" como um mediador entre a arte cinematográfica e o processo de letramento escolar**

**Carlos Eduardo Lourenço Jorge**  
**Por Eliana Merlin Deganutti de Barros**

*Carlos Eduardo Lourenço Jorge é bacharel em Direito pela UEL (1967-1971) e em Cinema pela FAAP (1972-1974). Trabalha como crítico de cinema na Folha de Londrina desde 1969. Foi programador do Cine Teatro Ouro Verde de 1978 a 2002 e, atualmente, é o responsável pela programação do Cine Com-Tour/UEL (circuito alternativo). Cobre regularmente, desde 1995, os Festivais de Cannes e Veneza. No Brasil, faz a cobertura do Festival de Gramado desde 1975, no qual é*

*coordenador das sessões de debate desde 1990 e, mais recentemente, do Festival de Brasília. É autor do capítulo "Debates" que integra o livro Gramado: 30 Anos de Cinema. Também é colaborador do site especializado em cinema e do site da Sercomtel. Profissional de renome, tanto em nível local, nacional, como internacional; comprometido com sua área de atuação e único crítico de cinema da cidade de Londrina que escreve regularmente para um jornal local.*

*Eliana Merlin Deganutti de Barros é formada em Letras pela UEL. Atualmente é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da mesma universidade. A entrevista em pauta foi realizada em junho de 2007, durante a sua pesquisa de mestrado, cujo foco é a investigação analítico-descritiva do gênero textual "crítica de cinema", a partir de um corpus formado por críticas de Carlos Eduardo Lourenço Jorge. A pesquisa visa contribuir com a mediação entre a arte cinematográfica e o processo de letramento escolar, uma vez que parte do pressuposto de que o gênero "crítica de cinema" pode ser objeto de ensino das aulas de Língua Portuguesa, inserido em um projeto interdisciplinar, cujo foco seja o cinema. Nessa perspectiva, conhecer o funcionamento desse gênero pela perspectiva do renomado crítico Lourenço Jorge é entrar em contato direto com essa prática de linguagem, mescla de um universo cultural/estético/cinematográfico com a esfera do jornalismo.*

**Eliana M. D. de Barros - O senhor escreve críticas direcionadas tanto a filmes comerciais quanto a filmes exibidos em circuito alternativo. No momento de produzir as críticas o senhor se posiciona de maneira diferente em relação a esses dois grupos?**

**Carlos Eduardo L. Jorge** - Naturalmente, há um ponto favorável: eu sou programador da sala alternativa. Eu não programo filmes que não gosto. Se o filme está lá, de alguma forma ele é minimamente interessante para ser visto e tem motivo de reflexão. A proposta da sala não é absolutamente original, é uma proposta que existe no mundo, que é criar um segmento alternativo de filmes que sejam provocadores, que tenham temáticas contemporâneas, que discutam idéias, que reflitam a situação do mundo, que reflitam as questões existenciais, as questões coletivas, políticas - isso para mim é muito importante. Eu acho, acima de tudo, que **a função do cinema não é entretenimento, mas, sim, abrir a cabeça das pessoas.** É claro, se você conseguir que as pessoas também se divirtam, acho maravilha. Mas, essa é a fórmula mais diabólica que existe: a arte e o entretenimento de mãos dadas

**O senhor escreve conscientemente direcionado para um determinado público?**

Não. Eu sei que existe um perfil bastante definido do público consumidor de *Homem-Aranha*, das comédias românticas, dos "bancos de sangue" (como eu chamo os filmes de terror). Existem as faixas etárias, as camadas de público: os adolescentes, os teens, uma faixa mais velha. Digamos, há uma radiografia. Mas, eu não escrevo conscientemente direcionado a certo público. Também não escrevo para mim – esse é um ponto que eu acho bastante importante. E também não escrevo para amigos. Eu estabeleci uma meta de critérios de crítica que converge para a palavra "ponte". Eu pretendo ser a ligação entre o espectador médio, comum, anônimo e aquilo que está na tela. Aquilo que está na tela pode ser uma obra prima ou pode ser a mediocridade absoluta. Eu procuro fornecer (não sei se consigo) alguns elementos que eu considero fundamentais para que, não só em relação ao filme especificamente que eu trago na crítica, mas a outros que virão, as pessoas tenham um mínimo de ferramentas para exercerem seu juízo de valor. Eu peço muito, evidentemente, sendo sentencioso. Mas procuro fazer isso com a maior elegância possível, não sendo tão taxativo. É nesse ponto que eu me valho de uma ferramenta (uma questão de estilo) que eu prezo, que é a ironia. Costumo ser irônico. Às vezes, sou mordaz, às vezes, dependendo da situação, eu sou ferino. O fato de você estar denegrindo aquilo, não de uma maneira pejorativa, eu acho muito positivo, muito benéfico, quase como uma medida saneadora.

**A crítica normalmente enfoca um elemento: a figura do diretor, a atuação do elenco, etc. Qual o critério da escolha desse enfoque?**

Eu acho que ele advém do próprio filme. Há filmes que deixam muito claro o ponto focal. Você tem, às vezes, um filme que não tem um grande elenco, uma direção marcante, você tem uma fotografia burocrática, enfim, o filme não se sobressai em nenhum desses aspectos. Mas, você nota que o um filme é bem escrito, há um roteiro por detrás bem urdido, bem amarrado, e isso é uma virtude que você procura puxar. Às vezes, você sente logo de cara uma mão de direção forte. Eu ainda tenho boas surpresas, mas de um modo geral, não. De um modo geral, eu saio da cabine meio cabisbaixo, ansiando muito por uma coisa que está em baixa, que é a originalidade. Você não vê nada de novo. É uma preguiça das pessoas em escrever bons argumentos, transformar aquilo em bons roteiros, porque há o primado da técnica, ou melhor, não da técnica, mas da tecnologia: é a técnica elevada à enésima potência.

**Quando o senhor escreve uma crítica, tem a intenção consciente de convencer o seu público a aderir ao seu ponto de vista em relação ao filme que critica?**

Eu acho que você tem a ilusão que você pode estar influenciando pessoas, sem estar naquela pilha de livros de auto-ajuda - sempre tenho esse otimismo. Eu gostaria muito de me soltar mais, gostaria de ser muito mais coloquial naquilo que escrevo, mas há alguns freios. Não são freios inibitórios meus, mas freios inibitórios do jornal, como o **espaço**. A questão do espaço é ultra-perversa. Quando eu escrevo, eu tendo a certa prolixidade, procuro classificar as coisas, mas o raciocínio nem sempre é claro, então eu preciso de um segundo parágrafo para remeter ao anterior e para anunciar o próximo - e isso significa espaço. E o espaço editorial hoje está muito policiado. E tem também a questão da **ilustração**: o jornal precisa abrir espaço para foto, para ilustração. O leitor hoje é muito mais voyeur do que leitor. Ele tem preguiça de ser voyeur no texto porque as fotos entregam muita coisa. E as fotos, de certa forma, informam coisas a esse leitor apressado. Temos também a questão da **notícia encapsulada**. Hoje, cada vez mais, as pessoas querem saber tudo no menor espaço de tempo, no menor número de linhas, e de maneira mais atraente possível. E isso é um desafio para o crítico que tem a crítica como ofício e que vem ao longo dos anos trabalhando isso.

**E quanto às frivolidades inseridas nas críticas, o que o senhor acha?**

A crítica hoje se divide em três: 1) a **encapsulada**: que é a comprimida, que você tem que estar vigilante o tempo todo; 2) a **crítica mais tradicional**: que ainda consegue algum espaço e que você pode trabalhar um argumento que pode formar o convencimento do leitor mais paciente; 3) e tem uma forma híbrida, que se convencionou chamar de **repor-crítica**, que traz uma argumentação e, ao mesmo tempo, contrabandeia informações do tipo "fofoquinhas" - este é um tipo de informação que o leitor contemporâneo está procurando. A tal da repor-crítica é uma fórmula que está sendo utilizada porque as pessoas querem saber, por exemplo, se o orçamento do filme foi de 178 milhões. Eu acho que você tem que sentir o *feeling* do momento, e o momento é o agora. Cada vez mais, críticas de páginas inteiras como existiam no *Correio da manhã* e críticos-filósofos como Paulo Emílio, Antônio Muniz Viana deixarão de existir. Não é possível você fazer uma crítica dessas em parágrafos contados. Você tem que adequar o seu pensamento a um determinado espaço.

**O senhor tem a preocupação em não expor nas críticas a pessoa do crítico Carlos Eduardo, ou seja, de impessoalizar o seu**

**discurso ou considera que essa impessoalização é uma característica própria do gênero "crítica"?**

Eu já considerei própria do gênero. Agora, muito eu deixei de usar por uma questão de timidez de usar a primeira pessoa, de não chamar a atenção para minha pessoa, para minha opinião. Mas de uns tempos para cá eu tenho me convencido de que eu passei a ter mais resposta das pessoas me colocando mais ("Na minha opinião", "Eu acho"). Houve uma quebra de gelo, uma aproximação, uma quebra de cerimônia - eu nunca quis essa cerimônia, eu nunca quis para mim um pedestal. Eu sempre tenho colocado nas minhas palestras que o que faz a diferença entre vocês e eu, é o fato de eu estar aqui sozinho e vocês estarem me ouvindo e que, por uma série de circunstâncias ao longo do tempo, eu me transformei em um especialista de cinema e tenho, de alguma forma, um diferencial de conhecimento.

**Como o senhor procura textualizar posicionamentos negativos em relação ao filme? Há uma preocupação em modalizar o discurso, relativizar os fatos, ou seja, não deixar a crítica tão "ferina", tão incisiva?**

Uma coisa que eu aprendi é que nunca se deve fazer uma crítica imediatamente após ter assistido ao filme, deve haver um período de assentamento. Eu procuro tomar um café, sair, dar uma volta, espaiar. Algumas coisas passam a ser mais imperativas na minha cabeça e outras eu abstraiu. Eu continuo exercendo isso cada vez mais: a questão de ser humilde e reconhecer certas posições, eu não diria arbitrarias, mas certas posições que podem ser conciliadoras em um determinado momento. Em alguns momentos eu fui inflexível, e não me arrependo em dizer isso, mas me arrependo de certas posições - isso eu acho fundamental, consegui essa humildade de repensar certas coisas. Eu acho que os anos me deram maior maturidade para rever, repensar alguns filmes - que ganharam muito em relação à minha primeira abordagem. Eu acho que filmes que mereciam talvez maior crueldade da minha parte, eu arrefeço um pouco, eu tiro um pouco o pé do acelerador, eu refreio um pouco as zonas de atritos, deixo mais palatável, edulcoro um pouquinho mais.

**O que o senhor prioriza ao fazer um resumo do enredo? Há a preocupação em preservar os conflitos da trama? As resoluções desses conflitos? Não revelar o final?**

Eu acho que depende muito de filme para filme. Eu acho que há argumento que é absolutamente necessário você reportar com certo grau de detalhamento, há outros que você pode omitir uma série de coisas que não vai prejudicar em nada o filme. Quanto à questão da revelação do final, eu já fui cobrado uma ou outra vez - "Você contou o final do filme?". Eu não faço parte

dos cultores do final-surpresa. A questão do resumo, de certa forma, foi imposta por essa nova modalidade de leitor que quer estar informado. Dessa forma, e com muita frequência, essa informação, ou seja, essa revelação da trama, serve como coadjuvante de colocação de certos conflitos ou estabelecimentos de pontos de interesses que eu acho que devo puxar. Se for uma trama psicológica mais aguda, você tem, às vezes, a definição de um personagem. Essa informação vai, de certa forma, justificar alguma coisa que eu possa dizer mais para frente. Eu procuro que as coisas tenham um sentido mais coeso. Mas, de maneira nenhuma, tudo isso é uma regra. Eu acho que muito do pressuposto, do interesse de quem escreve é justamente você ter variações em cima de um tema: eu posso me estender mais na revelação da trama, em um determinado filme, posso ser mais econômico, mais sucinto.

**Como funciona a questão do espaço de publicação das suas críticas na *Folha de Londrina*?**

[O espaço], de semana para semana muda. É particularmente doloroso quando os dois Multiplex da cidade informam que as estréias são seis. Então é um Deus nos acuda, porque você tem que atender ou, pelo menos, registrar metade delas. Você tem que priorizar a qualidade que, em geral, está na sala alternativa. Mas, é muito difícil, você tem que ilustrar cada uma delas. Eu tenho feito o seguinte: arbitrariamente, eu tenho decidido certas coisas à revelia do editor – "Oh, fulano estou lhe passando 38, 40 linhas desse filme, pois eu acho que não pode ser menos; vou fazer mais um pouco (20 linhas mais ou menos) do segundo filme, e o resto, a gente faz outro dia, se der". Ou seja, nós temos ignorado alguns lançamentos, a não ser como notícia (filmes novos chegando ao circuito local).

**Como funciona o ato pré-textual de uma crítica? Ou seja, como é a preparação para se escrever uma crítica de cinema?**

Eu tenho visto, e vejo muitos filmes em São Paulo, em cabines que são oferecidas à imprensa, no mínimo, 15 dias antes do filme entrar em cartaz. São cabines para os grandes veículos de São Paulo, revistas e jornais. Eu vou, me encontro com as pessoas, a gente se fala na entrada e se despede na saída, porque cada um vai para um canto. Então, sobre os filmes em si, não trocamos praticamente uma palavra. Durante a projeção, você já tem uma noção do que vai acontecer, acaba se situando, se localizando. Antes de entrar você tem acesso à sinopse, nota de produção, informações que lhe informa sobre o que você vai ver. Agora, eu vejo sempre filmes inéditos. Com essa história de combate à pirataria, cada vez mais os filmes estão partindo para as simultâneas – para que não haja vazamento. Ou seja, a gente está vendo antes de o mercado americano receber o filme.

**Em sua opinião, quais as competências que um crítico deve ter para exercer sua função de maneira satisfatória?**

Acho fundamental uma formação humanística. A formação técnico-cinematográfica, o conhecimento da história do cinema, arquivologia, estética, – tudo isso é fundamental. Temos também que estabelecer e definir competências. Por exemplo, eu tive uma disciplina de teatro, no curso de Cinema da FAAP, mas não me sinto preparado para escrever sobre teatro.

**Que tipo de influência o senhor acha que a crítica exerce tanto no público-leitor como no sucesso ou insucesso de um filme?**

No Brasil, acho que a crítica não exerce essa influência – no circuito alternativo, talvez um pouco mais. Agora, nos EUA a crítica de montagem de espetáculos é determinante, capaz de determinar a sobrevivência de um espetáculo. No Brasil, os filmes já vêm prontos de fora como fracasso ou como sucesso.

**Como o senhor descreveria o gênero crítica de cinema na contemporaneidade?**

A crítica, hoje, está muito mais direcionada ao *showbiz*, está muito mais direcionada para a informação supérflua. Se você tiver a capacidade, a teimosia de conseguir inocular um pensamento, digamos, mais ou menos sério nisso, eu acho que você vai estar no lucro.

**O senhor considera que escreve "críticas de cinema" ou prefere dar outro nome aos textos que escreve para a *Folha de Londrina*?**

Cada vez mais o texto que escrevo está virando resenha, não me iludo. O grau de superficialidade está cada vez mais estampado. Eu já cheguei a fazer críticas que eu considero *insights*, nas quais, de repente, você se despede do filme no meio do texto e se dá ao direito de "viajar", de falar sobre movimentos de cinema, de evocar outros tempos, outros diretores, de trabalhar em cima daquilo, de comparar. Não é nenhuma demonstração de erudição, mas acho que há uma complementaridade nas coisas: você vai enriquecendo seu texto com informações que você tem, que você transforma em elementos de formação. Na verdade, **essa deveria ser a função da crítica: o ato de formar o senso crítico das pessoas**, sem nenhuma pretensão nisso. Oferecer (a história da ponte) ferramentas mais fecundas, melhores e mais afiadas para que as pessoas possam (ou pudessem) trabalhar seu senso crítico.

**O senhor considera a crítica necessária nos dias de hoje?**

Se eu dissesse que "não", estaria disponibilizando o meu "ganha pão". Mas, eu sou um otimista, eu acredito naquilo que eu faço, **eu acredito numa finalidade maior do cinema**. Eu não sei o que as pessoas podem incrementar ao seu lado humano com bobagens do tipo "custou tanto" ou "fulano estava com dor de cabeça no dia da filmagem" ou "tropeçou e quebrou o braço" – isso não vai adicionar nada em termos de melhoria da humanidade. Existem filmes sérios, continuam a existir um público potencial muito grande nesse mundo que pode tirar um bom proveito desses filmes. E nada melhor que nesse meio campo entrar um crítico como condutor dessa relação. Eu acredito nisso, apesar de não andar com vendas nos olhos – estou com os dois olhos bem abertos com essas transformações todas que, afinal de contas, são chamadas de "bolhas da História". Ou seja, se você não pega o bonde você é atropelado. Mas, eu acredito muito nas novas gerações. Há alguns críticos que eu conheço que têm a cabeça muito boa e que, de repente, podem encontrar uma fórmula que nós não soubemos ver: eles podem ter esse dom de conciliar o útil com o inútil. E isso é fascinante, porque está em aberto e você está participando de tudo isso, não está parado no tempo. É preciso ter o bom senso de observar isso, saber diferenciar as coisas.

Londrina, 05 de junho de 2007.